

LITERATURA DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

LITERATURE OF THE INDIGENOUS PEOPLES OF BRAZIL

Hellen Cristina Picanço Simas¹

 0000-0001-9637-6587

Enviado em: 13/12/2023

Aceito em: 11/02/2024

Publicado em: 09/11/2024

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir o conceito de literatura indígena e apresentar duas narrativas cosmológicas do povo Sateré-Mawé: A origem do mundo: a gênese Sateré-Mawé e a origem da Tukandeira e do ritual waiperiá como exemplo da diversidade da literatura dos povos indígenas do Brasil. A base teórica para o estudo foram as pesquisas de Gersem Luciano, Hellen Simas e Regina Silva; Kaká Verá Jecupé (1998), Yaguarê Yamã (2007) e Dilce Nascimento (2013). A pesquisa foi bibliográfica, consistindo na revisão da literatura dos livros e artigos dos autores citados. Os resultados apontam que a literatura indígena registra a cosmologia de um povo e que ela é tão diversificada quanto os povos indígenas existentes e cosmologia Sateré-Mawé entende que o mundo surgiu do corpo da serpente Mói Wató Mağkarú Sése e que o ritual da tukandeira é feito para a proteção do indígena, sendo como uma vacina contra vários tipos de males, foi um saber deixado pelo seu antepassado Mypynukuri.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura indígena. Povos originários. Sateré-Mawé.

ABSTRACT: This article aims to discuss the concept of indigenous literature and present two cosmological narratives of the Sateré-Mawé people: The Origin of the World: the Sateré-Mawé Genesis and Tukandeira as an example of the diversity of literature of indigenous peoples of Brazil. The theoretical basis for this study were the research of Gersem Luciano, Hellen Simas, and Regina Silva; Kaká Verá Jecupé (1998), Yaguarê Yamã (2007) and Dilce Nascimento (2013). The research was bibliographical, consisting of a literature review of the books and articles from the cited authors. The results indicate that indigenous literature records the cosmology of a people and that it is as diverse as the existing indigenous peoples. The Sateré-Mawé cosmology understands that the world emerged from the body of the serpent Mói Wató Magkarú Sése and that the tukandeira ritual is performed for the protection of indigenous people, acting as a vaccine against various types of illnesses. It is a knowledge left by their ancestor, Mypynukuri.

KEY WORDS: Literature indigenous. Indigenous peoples. Sateré-Mawé.

¹ Professora Associada II da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista Produtividade da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEAM/2023-2025). Foi professora visitante na Universidade de Santiago de Compostela (2022-2023) e bolsista CNPq pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2022-2023). hellenpicanco@ufam.edu.br.

Introdução

Termos como índio, tribo, lenda são comumente encontrados em texto escritos ou em textos orais, os quais são reflexos de anos de predomínio do discurso do colonizador, que, ao chegar nas terras brasileiras, nomeou índio os seus habitantes por acreditar ter chegado à Índia. O termo índio carrega toda uma visão preconceituosa para com o indígena, que foi paulatinamente pasmada no processo colonizador, por isso os povos indígenas rechaçam tal termo, como aponta a indígena Marcia Mura:

O que o movimento indígena reivindica é que esse termo [índio], que é colonizador, que reproduz um pejorativo que remete à ideia eurocêntrica de que somos atrasados, de que somos todos iguais, no sentido de que as diferenças linguísticas e culturais são desconsideradas, seja substituído por como nos autodenominamos (Mura, 2022, p.1).

Diante deste esclarecimento, deve-se chamar indígena aos povos originários desta terra Brasil. Nesta mesma perspectiva colonizadora, surge o uso do termo tribo para se referir a qualquer um dos mais de mil povos originários existentes em idos de 1500. Termo que apaga a diversidade cultural e linguística deles: “A palavra ‘tribo’ está representa o povo indígena como pequenos grupos incapazes de viver sem a intervenção do estado. Ser tribo é estar sob o domínio de um senhor ao qual se deve reverenciar, como uma lógica colonial” (Secretaria de Cultura do RS, 2021, p.1). Ou seja, tribo é como se os povos originários fossem subgrupos em uma sociedade, mas eles são povos diversificados entre si, porque cada um tem sua própria cultura, língua, visão de mundo e forma de se relacionarem com a natureza.

O discurso colonizador também atuou fortemente sobre a visão de mundo indígena, desacreditando suas concepções e saberes ancestrais, colocando a cosmologia indígena sobre o registro do termo lendas, o qual transmite a ideia pejorativa de serem apenas fantasia. Porém, na visão indígenas, estas lendas são narrativas ancestrais ou histórias ancestrais que guardam os saberes indígenas sobre o mundo e que explicam as relações sociais e culturais daquele povo, vejamos:

Essas histórias revelam o jeito do meu povo contar sua origem, a origem do mundo, do cosmos, e mostrar também como funciona o pensamento nativo. Os antropólogos chamam de mitos, e algumas dessas histórias são denominadas lendas. No entanto, para o povo indígena é um jeito de narrar outras realidades ou contrapartes do mundo em que vivemos. De maneira geral, pode-se dizer que o índio classifica a realidade como uma pedra de cristal lapidado que tem muitas faces. Nós vivemos em sua totalidade, porém só apreendemos parte dela através dos olhos externos. Para serem descritas, é necessário ativar o encanto para imaginar como são as faces que não podem ser expressas por palavras (Jecupé, 1998, p. 27).

O indígena Kaka Verá Jekupé (1998) concebe que existe duas realidades: a realidade em que vivemos e a outra que não conseguimos perceber facilmente, mas estar interligada a esta realidade em que vivemos. As narrativas indígenas justamente trazem informações desta contraparte que não podemos acessar facilmente. Logo, não são fantasia, são registros de visões de mundo de cada povo indígena. Por isso, cada povo originário tem suas narrativas tão peculiares, por representarem a sua relação com a natureza, por representarem a sua forma de compreender a vida, o ser humano e a existência de todas as coisas.

Este artigo se debruça sobre as narrativas ancestrais, que fazem parte da literatura indígena e da literatura brasileira, mas que são pouco estudadas e valorizadas na sociedade brasileira. Em seguida, mostraremos duas narrativas do povo Sateré-Mawé para compreender a visão de mundo deste povo amazônico como forma de valorização de seus saberes. Por fim, registraremos nossas considerações finais.

O que é literatura indígena?

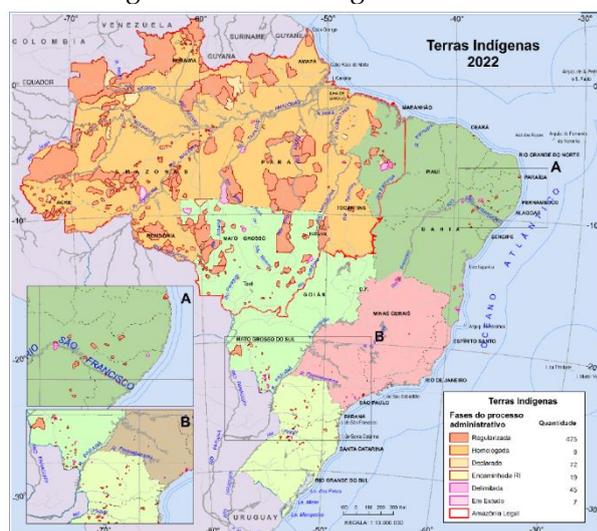
A literatura indígena pode ser entendida como fenômeno político cultural por ser resultado de lutas históricas dos povos indígenas contra violência, exclusão e preconceito (Dorrigo et. al., 2018). Por outro lado, a literatura é acesso à espiritualidade, que está na contraparte do mundo em que nos encontramos, para Munduruku (2009, p. 47-48), “[...] não há uma divisão entre as realidades que podem ou não ser percebidas pelo indivíduo pertencente à sociedade indígena. Tudo está no grande círculo e faz parte de uma teia tramada pela vida de cada um e de todos” e que somente pela língua é possível acessar a contraparte da realidade: “Nas epistemologias indígenas, a língua está associada ao território, à espiritualidade, ao bem viver dos povos. A língua é a memória dos povos indígenas, é cultura, história de luta e resistência, é identidade coletiva e expressa conhecimentos ancestrais, milenares” (Rubin, p.165, 2022).

Nesta perspectiva, o ato de escrever não é somente ação da pessoa que escreve, é, em realidade, escrita sobre influência de espírito ancestral, que ajuda a passar os conhecimentos desta outra realidade: “Acredita-se que quem escreve recebe influências de espíritos ancestrais, dos encantados, por isso a literatura dos povos da floresta é percebida com um valor material e imaterial (Marcia Kambeba *apud* Dorrigo et. al., 2018). Por isso, a importância da literatura indígena, por registrar a cosmologia de um povo, que trata acerca dos saberes sobre o mundo natural e sobrenatural. Saberes este que vão orientar a vida em sociedade, as relações de parentesco, matrimônio, a caça, colheita, pesca, cura de enfermidades, enfim a vida daquele povo indígena.

É a partir dessas orientações cosmológicas que acontecem a organização dos casamentos exogâmicos (casamentos cujos cônjuges pertencem a grupos étnicos ou sibs2 diferentes) ou endogâmicos (casamentos cujos cônjuges pertencem ao mesmo grupo étnico ou sib) e as divisões hierárquicas entre grupos (sibs, fratrias ou tribos), que implicam o direito de ocupação de determinados territórios específicos e o acesso a recursos naturais, bem como o controle do poder político (Luciano, 2006, p. 43).

É importante destacar que a literatura indígena é expressão da cosmologia de um povo, logo ela é tão diversificada quanto os povos indígenas ainda existentes Brasil, 305 etnias, 274 línguas indígenas faladas por 896,9 mil indígenas, distribuídas em 573 Terras Indígenas e em áreas urbanas diversas do Brasil (IBGE, 2022).

Imagem 1 - Terras Indígena brasileiras



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022.

A literatura indígena registrada na modalidade escrita da língua é uma construção muito recente. Anteriormente as narrativas ancestrais eram registradas por meio do grafismo, ornamentos, rituais danças, dentre outras formas de expressão da linguagem, como destaca Eli Macuxi (2018):

Lembrando que os povos indígenas, ao seu modo e mundo, sempre escreveram e registraram suas histórias, presentes nos grafismos, desenhos, monumentos, instrumentos que remontam tempos imemoriais, presentes nas artes rupestres, nos vestígios arqueológicos, e que hoje são atualizadas em nossa cultura material e espiritual, ornamentos, nos rituais e danças (Ely Macuxi apud Dorrico et. al., 2018).

A escrita é um instrumento importante atualmente de registro das narrativas ancestrais que por séculos existiam somente na modalidade oral. Todavia a escrita não consegue registrar alguns elementos da oralidade, por isso acontece a

despersonificação: “entendemos que a escrita despersonifica, desterritorializa e destemporiza as performances das narrativas” (Bruno, 2013, p.52). O registro escrito de narrativas, dessa forma, é um desafio, pois tem que ser o mais fiel ao narrado e transcrever registrando com recursos da escrita marcas da oralidade em detalhes, como a repetição, que entre os Waimiri Atroari, por exemplo, tem um papel importante: “uma de suas funções é intensificar e dá ênfase à ação realizada. Ela também denota a interatividade do evento ou da ação. No entanto, a sua função principal é reforçar a ideia expressa na história, é garantir a atenção e compreensão do interlocutor (Bruno, 2013, p.45). Mas é sabido que nesta transposição da oralidade para a escrita muitas informações da oralidade serão perdidas, como a interação e o canto:

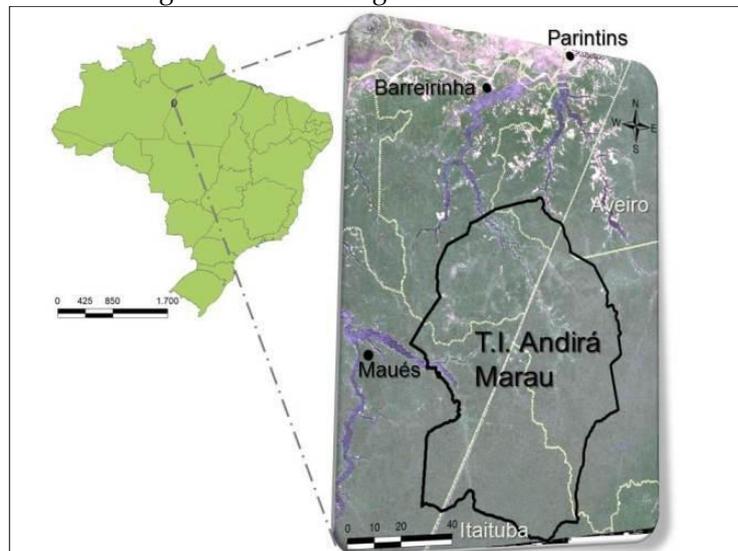
Por exemplo, em Rondônia, um grupo chamado Gavião (da família linguística Mondé do tronco Tupi), quando um indivíduo apresenta um relato (que pode ser uma história ou um mito), ele precisa de um interlocutor, que repete o que foi falado e faz perguntas - uma forma de diálogo cerimonial. Já para os Kuikuro e Kalapago (grupos indígenas da família linguística Karib que vivem no alto Xingu) existem coisas que só podem ser ditas através de cantos, não se pode falar (Bruno, 2013, p. 11).

Diante do exposto, fica claro que a literatura indígena é ativismo político, é acesso a outra parte da realidade e o ato de escrever não é solitário porque é realizado, na perspectiva indígena, sob influência dos encantados. Por fim, compreende-se que, ao se escrever a narrativa ancestral, muitos elementos da oralidade não têm como serem registrados.

História Ancestral Sateré-Mawé

O povo Sateré-Mawé é originário da região Amazônia, vivendo atualmente no Baixo Amazonas, com uma população estimada em 14.307 (IBGE, 2022) na terra indígena Andirá Marau, que envolve os municípios de Parintins, Maués e Barreirinha no Amazonas e Aveiro e Itaituba no Pará.

Imagem 2 - Terra Indígena Andirá-Marau



Fonte: Projeto Warana, 2024

Este povo se divide em clãs:

sateré, o clã principal e detentor dos direitos políticos do povo; Napuwa'ny'ã, o clã agricultor; koreriwá, o clã caçador; Watunríá, o clã pescador e Hwaría, o clã guerreiro. Além destes clãs há outros clãs menos importantes pertencentes a cada clã principal: p Awiá, ou clã das abelhas, o Wasaí, o Ga'ap, o Móí, Waraná, o Maraguá (independente) e o Hamaut (Yamã, 2007, p.15).

Os Sateré-Mawé realizam o ritual da tukandeira, como rito de passagem da infância a vida adulta para os meninos. O ritual consiste em colocar as mãos em luvas com formigas tukandeiras pelo tempo de uma canção do ritual ou até o cantor dizer que pode retirar as luvas.

As sociedades tradicionais recorrem a forma dramática com intenção de manter "vivo" seus mitos. Esta forma de narrar é muito comum entre várias etnias indígenas. O corpo e a indumentaria fazem parte da história, na medida em que expõem os motivos principais da narração. Entre os Sateré-mawé esses simbolismos são mais comuns nos rituais de iniciação, como a Dança da Tucandeira (Nascimento, 2013, p. 8).

O ritual inicial com a caça das formigas na floresta, as quais são adormecidas e colocadas na luva para a hora da dança. Os indígenas entendem que as ferradas da tukandeira são como vacinas que lhes dá proteção contra as doenças e lhes fortalece para o trabalho. Por isso, se o ritual não for cumprido, a pessoa sofrerá consequência, como ficar adoecido, mole, sem vontade de fazer nada, podendo até serem geradas formigas em sua barriga, segundo relatos de indígenas que já presenciaram as consequências do desrespeito ao ritual.

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

Os sateré-mawé possuem parte de seus mitos e histórias ancestrais compilados em livros, um deles é o Sehaypóri: o livro sagrado do povo Sateré-Mawé, de autoria de Yaguarê Yamã, publicado em 2007. Ele registrou a narrativa sobre a origem do ritual da tukandera, vejamos:

WATIAMÃ SA' AWY

A origem da Tukandera e do ritual Waiperiá

Antigamente não existia Tukandera neste mundo. Mas os demônios já usavam, para se ferrar, animais venenosos como a aranha, o escorpião, a cobra e a centopeia.

Foram eles que deram a ideia para os Mawé se ferrarem e ficarem bons na pesca, na caça e, principalmente, na guerra. Mas esses animais venenosos não eram bons para "curar" as pessoas, os venenos deles eram fortes, mas não o bastante. Assim, os Mawé precisavam encontrar um veneno certo para se ferrar.

Então, o irmão mais novo do grande Tatu, chamado na língua Saterê, Heneken Hôp (tatu-bola), pediu ao seu irmão, o grande tatu, chamado Mypynukuri, que o deixasse procurar um animal de veneno forte para se ferrar e se tornar grande caçador.

O irmão mais velho não gostou da ideia. Dizia para ele se ferrar com aqueles bichos já conhecidos, pois, se ele se ferrasse com um desconhecido, o veneno poderia matá-lo.

Porém, diante de tanta insistência de Heneken Hôp, Mypynukuri resolveu ir atrás de outro bicho para o irmão se ferrar. Então, ficou sabendo que na caverna da Jiboia-Grande havia se originado uma espécie de formiga gigante muito venenosa chamada Watiamã ou Tukandera. Essa Watiamã tinha se criado nos pelos dos órgãos genitais da própria Mãe das Cobras. Ela servia de piolho da Jiboia-Grande.

Mypynukuri foi buscá-la e entrou na caverna da Jiboia-Grande. Cavou, cavou muito e fez uma entrada lateral para que a Mãe das Cobras não percebesse que havia um invasor na sua caverna. Depois, pegou uma luva trançada com fibras e colocou várias Tukanderas dentro dela para levá-las. Depois de coletá-las, Mypynukuri saiu o mais rápido possível pela entrada que tinha feito e voltou para casa para entregá-las ao irmão.

Chegando à casa, mostrou as Tukanderas ao irmão, que ficou muito satisfeito com o presente. Depois, Mypynukuri ensinou-o a fazer as luvas para prender as Tukanderas e a enfeitá-las. E assim foram enfeitadas as primeiras luvas de Tukanderas.

Foram feitos três tipos de luvas: à maior, que cobria todo o braço, eles chamaram de Waiperiá; à menor, que era só para cobrir as mãos, deram o nome de Sa'ary; e à terceira, um pouco maior que a Sa'ary, eles chamaram de Sa'ary Pe.

Elas eram enfeitadas com lindas penas de arara-vermelha, em cujas pontas foram amarradas penas brancas de gavião.

Em seguida, eles inventaram a dança da Tukandera, para acompanhar o ritual de "ferração" que é um movimento ritmado feito em passos para frente e para trás. Os participantes se dispõem em filas, que se deslocam para o lado direito ou esquerdo, seguindo o canto e o ritmo da dança.

A essa dança os irmãos Mawé deram também o nome de Waiperiá, que é a dança da Tukandera.

O irmão mais novo pegou uma das luvas de Tukandera e começou a dançar, porém ele não suportou a dor e disse:

- Quando a dor vai passar?

O irmão dele respondeu:

- Dança, dança, que a dor só vai passar quando o galo cantar.

- Mas é que está doendo muito! Não sei se vou aguentar muito mais tempo!
O irmão caçula só reclamava, até que o mais velho perdeu a paciência e ordenou que o galo cantasse. O galo cantou e o irmão caçula pode se aliviar da dor.
(Por isso, na ferroada da Tukandera, a dor só passa quando o galo canta, ou seja, após 24 horas.)
A Tukandera foi dada por Mypynukuri de presente para os Mawé vencerem a febre e para ficarem imunes a várias doenças, bem como para se tornarem espertos, bons caçadores, bons pescadores, líderes de guerra e para provarem sua força e eficiência contra a dor. Por isso, todos os clãs Mawé festejam o ritual da Tukandera, que, além de tudo isso, marca a passagem da infância para a idade adulta. É a oportunidade em que os meninos mostram que serão adultos respeitados por todos os guerreiros. (Yamã, 2007, p. 96)

Nesta narrativa ancestral, vemos o fundamento do ritual da tukandeira, que é um dos elementos da identidade deste povo, pois o ritual é único, marca a relação deste povo com a natureza, com os processos de cura e de fortalecimento por meio desta prática ritualística.

Narram os mais velhos, que as jovens mulheres prestam atenção na forma como reage os jovens em ritual, se ele gritar, chorar muito alto, simboliza que ele não tem muito equilíbrio em situações de conflitos ou dificuldades, enquanto o jovem que aguenta pacientemente a dor, simboliza que será um bom líder, pai de família, porque não se deixa levar pela situação, consegue ter o equilíbrio para enfrentar a dor. A jovem pode escolher seu futuro esposo ali naquele momento. Inclusive, ela já pode cuidar dele depois do ritual, sendo este considerado o momento de casamento entre eles.

A narrativa *A criação do Mundo: Gênese Mawé* é outro exemplo da literatura indígena sateré-Mawé. Segundo Ygarê Yamã (2007), no princípio, só existiam Tupana, o deus do bem, Yurupary, o deus do Mal e as forças cósmicas Monã. Eles criaram os seres estelares luminosos para viver no universo, são as estrelas que vemos à noite. Depois Tupana criou o sol² e Yurupary criou a lua³. Quando um surge o outro desaparece, logo não podiam conversar, por isso os deuses criaram a cobra grande Mói Wató Mağkarú Sése.

A cobra grande servia de mediadora entre o sol e a lua, eles logo se apaixonaram por ela. Porém a serpente não escolhia um deles, mantinha relacionamento com os dois até que chegou a engravidar. Não se sabia de quem era o filho. O tempo passou e a serpente pariu filhos gêmeos: o planeta Água, chamado Y'y'wató, e o planeta Terra. A Terra não possuía água e o planeta Água não possuía terra alguma, cada um tinha seres que o habitavam: na Terra havia seres fantásticos e na Água seres minerais.

Tupana se alegrou com estes filhos e resolveu dar continuidade a criação, por isso criou outros planetas e, em cada um que criava, ia colocando um Painí-Pajé para cuidar

² A'at em língua sateré.

³ Waty em língua sateré.

da saúde e bem-estar dos habitantes daquele planeta. Por outro lado, o deus Yurupary não gostava das criações de Tupana, tinha inveja, que aumentou para ódio. Ele criou seres inferiores, feios e maléficos e criou os Pajé-Poxy, porém menos poderosos que os Painí-Pajé. Desapontado com o deus Yurupary, Tupana resolveu se afastar dele, desta ação houve a separação entre os sentimentos de bondade e maldade; alegria e tristeza e amizade e inimizade.

Nesta primeira fase da criação, os seres que existiam eram os deuses Tupana e Yurupary, os Painí-Pajé e Pajé-Poxy, a cobra-grande e os encantados que habitavam os planetas criados pelo deus Tupana.

Muito tempo depois, Tupana resolveu unir o planeta Água e o planeta Terra, colocando o planeta Terra dentro do planeta Água. Isso fez surgir o paraíso, cheio de novas vidas, fontes cristalinas, cachoeiras, igarapés, rios e lagos, brotados de vazantes em decorrência do planeta Terra ter bebido o planeta Água. O sol e a lua foram enviados por Tupana para iluminar este novo mundo e enviou os Painí-Pajé para cuidarem dele.

Os encantados das águas desejaram viver na terra e pediram aos Painí-Pajé para os deixarem passar da água para a terra. Depois de os orientarem que deveriam seguir as regras de Tupana na terra e informar que não mais poderiam retornar às águas, eles deixaram os encantados subirem para a terra. Assim, se transformaram em seres diferentes e de diversas formas que podiam andar pela floresta, praias e voar pelo paraíso. Mas alguns deles, com o tempo, se aproximaram da serpente Mói Wató e com ela tiveram filhos maus, corrompendo o paraíso. Por causa disso, Tupana se arrependeu de ter unidos os dois mundos e resolveu retirar o planeta Terra de dentro do planeta Água, deixando para traz os encantos de voltar às águas.

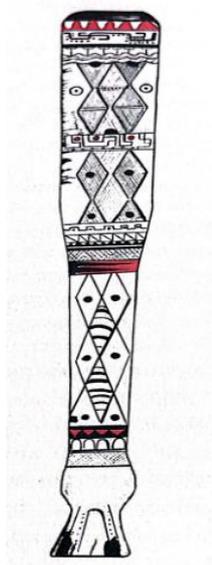
No entanto, os seres encantados das águas, não gostaram mais da vida nas águas, não conseguiam esquecer a vida na Terra e pediram do Painí Pajé mais poderoso para ele fazer uma pajelança e criar novamente a Terra para eles e sugeriram que usasse para isso a serpente Mói Wató, o corpo dela se transformaria em terra, por a culparem por terem perdido o paraíso. De acordo, o poderoso Painí Pajé iniciou a pajelança, usando o jenipapo para captar as energias do céu, o urucum para captar as energias do sol, o carvão para captar as energias telúricas, açafreão para despertar a espiritualidade, argila branca para trazer paz e tranquilidade, penas para liberdade e voo, marãgká e tambores para pulsar a Terra e flautas para abrir portais para os encantados passarem para a Terra novamente.

Durante o ritual de pajelança proferiu que a serpente seria a Mãe-Terra por ter retirado o paraíso dos encantados, sendo sua transformação em terra sua punição eterna. Proferindo estas palavras, as águas invadiram o corpo da serpente e surgiram rios igarapés, cachoeiras, foram surgindo praias, floretas, rochas e toda espécie de vida animal e de minerais como ouro, prata, petróleo etc. Assim, a Terra, mas não igual ao

primeiro paraíso, porque Yurupary, com inveja, criou a visagem para pelear ao seu favor.

Neste mundo, também há ortiga, espinhos, tiririca e elementos ruins na natureza, mas os encantados gostaram dele e prometeram não deixar ser corrompido igual ao primeiro. O grande Painí pajé os orientou: não podem destruir a natureza, porque senão a serpente Mói Wató Mağkarú Sési mergulhará, levando todos para as profundezas e não haverá terceiro mundo. Este saber foi escrito no Puratig, remo sagrado para não ser esquecido pelos habitantes da terra.

Imagem 3 - Remo Sagrado Sateré-Mawé - Purätig



Fonte: Yamã (2007, p.90).

A narrativa deixa claro que, na visão Sateré-Mawé, o mundo se origina do corpo da Cobra Grande e que devemos protegê-la para ela não ser destruída. Este saber está presente no remo sagrado, o Purantig, ou seja, é um saber ancestral que guia a vida do povo Sateré-Mawé até hoje, pois este remo sagrado existe e é muito bem guardado por um pajé, cujo nome não é revelado para o remo não seja roubado do povo.

Considerações finais

Diante das narrativas apresentadas, vemos o quanto é rica e única a visão de mundo do povo indígena Sateré-Mawé. Não podemos generalizar as narrativas como se fossem pertencentes a todos os povos indígenas existentes, cada um tem suas cosmologias e saberes ancestrais. “Compreende-se, portanto, que as narrativas

mostram o pensamento nativo, o seu modo próprio de produzir, expressar e transmitir conhecimento” (Simas; Silva, 2016, p.151).

Essas narrativas, que não devem ser chamadas de lendas, por ser considerada pelos indígenas como nomenclatura pejorativa, registram seus conhecimentos ancestrais, que explicam a origem do mundo, a organização social do povo, os encantados e sua relação com o humano e tudo que rege a vida na comunidade nativa. Logo, são a base da organização do povo. Por isso, devem ser respeitadas e tratadas, quando em literatura escrita, como registro de uma realidade que está na contraparte desta e que só pode ser acessada por meio da literatura indígena.

Referências

- BRUNO, A. C. *Vozes da floresta: a arte de contar histórias – histórias do passado e do cotidiano indígena* / Organização de Ana Carla Bruno. --- Manaus: Editora INPA, 2014.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- IBGE, *Censo Demográfico 2022 Indígenas: Primeiros resultados do universo*.
- JECUPÉ, Kaká Werá. *A Terra de Mil Povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis – (Série educação para a paz), 1998.
- MURA, Marcia. Seguindo os caminhos das águas com literatura indígena. In: *Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Autoria, Autonomia, Ativismo*. DORRICO, Julie, DANNER, Fernando e DANNER, Leno Francisco. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.
- MUNDURUKU, Daniel. *O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.
- NASCIMENTO, Dilce Pio. *Narrativas sateré - mawé: oralidade e dramatização*. / Dilce Pio Nascimento. – Manaus: UEA, 2013.
- PROJETO WARANA. Disponível em: <https://thomazrural.com.br/2014/10/01/ides-am-projeto-warana-area-de-atuacao/>. Acesso em: 03.05.2024.
- RUBIN, Altaci, BOMFIM, Anari Braz e MEIRELLES, Sâmela Ramos da Silva. *Década internacional das línguas indígenas no Brasil: o levante e o protagonismo indígena na construção de políticas linguísticas*. Work. Pap. Linguíst., 23(2), Florianópolis, 2022.
- SECRETARIA DE CULTURA DO RS. *É correto falar tribo indígena?* Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/e-correto-falar-tribo-indigena>. Acesso em: 03.05.2024
- YAMÃ, Yaguarê. *Sehaypóri: o livro sagrado sateré-mawé*. São Paulo: Petrópolis, 2007.

A CRIAÇÃO DO MUNDO - A GÊNESE MAWÉ

No começo só existiam as forças cósmicas (Monã), a classe dos deuses: Tupana, o deus do Bem, e Yurupary, o deus do Mal.

Eles criaram os seres estelares que vivem espalhados no Atapy (universo) e que são os corpos luminosos que só aparecem na escuridão da noite.

No universo que os Monã criaram havia dois astros muito especiais. Cada um deles foi feito por um deus e passou a servir como seu símbolo.

Tupana criou A'at, o Sol, e Yurupary criou Waty, a Lua. Esses astros representavam o temperamento e a personalidade de cada deus.

Porém, os deuses não estavam satisfeitos. Queriam que os dois astros se vissem e conversassem. Mas isso não era possível, pois o Sol só aparecia durante o dia, e a Lua, à noite. Assim, nunca se encontravam. Por isso, Tupana e Yurupary fizeram sair do infinito negro a gigantesca serpente Mói Wató Mağkarú Sése, - para servir de mediadora entre os dois astros.

Assim, a serpente começou a fazer companhia para os dois astros, que logo se apaixonaram por ela, mas a grande serpente não se decidia por nenhum deles. Quando chegava à noite, ela se deitava com a Lua e a amava; logo que despontava a primeira claridade da manhã, ela deixava a Lua dormindo e ia deitar-se com o Sol.

Nenhum dos dois desconfiava da traição e da infidelidade da Cobra Grande. Até que um dia, Mói Wató Mağkarú Sése, ficou grávida, porém não sabia quem era o pai de seu filho. Então, foi queixar-se aos deuses. Yurupary não deu a mínima importância para o acontecido; disse que ela poderia fazer o que bem entendesse, pois não havia regra para isso. Tu pana, triste, a censurou e mandou-a procurar descobrir quem era o pai.

Foi assim que os dois astros souberam o que a Cobra-Grande fizera com eles. Sentindo-se enganados, deixaram-na e subiram para o céu, para bem longe dela.

Tupana quis consertar o mal feito pela Cobra-Grande. Profetizou o nascimento de mais dois astros que mudariam toda a história do universo; ele mesmo iria abençoá-los e criaria os seres que morariam neles.

O tempo passou, até que a grande serpente pariu dois gêmeos: Y'y'wató, o planeta das Águas, sem-terra, habitado por criaturas fantásticas; e Ywyka'ap, o planeta Terra sem água, habitado por seres minerais.

Tupana gostou do nascimento desses planetas, filhos da Cobra-Grande, porque via neles o começo de sua obra-prima. Por isso, dedicou-se mais à criação desses filhos. Assim, começou a aumentar o número de lugares e habitantes nesses novos planetas.

E em tudo aquilo que Tupana criava colocava os Painí-Pajés, com poderes mágicos, para substituí-lo, além de cuidar da saúde e do bem-estar dos habitantes.

Enquanto isso, Yurupary, o deus "contrário", não o ajudava. Ao contrário, criava outras coisas, mas inferiores, menos interessantes e bonitas que as de Tupana, pois, apesar de tentar, não conseguia imitá-lo.

Assim, por causa das belas criações de Tupana e pelo fato de os Painí Pajés serem muito mais poderosos que os Pajé-Poxy (sacerdotes criados pelo deus do Mal), Yurupary passou a ter inveja do outro deus, e a inveja, um dia, transformou-se em ódio.

Se, antes, os dois deuses sempre estavam juntos, tratando-se como amigos, tudo mudou: a amizade acabou, e passaram a desconfiar um do outro.

Yurupary tomado de inveja e ódio, sempre encontrava um pretexto para opor-se às obras do deus do Bem, procurando torná-las feia.

Por isso, não quis ajudá-lo a criar mundos pelo universo. Procurava meios de fazer Tupana arrepende-se do que havia feito e não quis unir-se a ele para repreender a Cobra-Grande pelo mau comportamento. Assim, tornou-se protetor dela, acobertando as más ações que ela praticava.

Tupana, sentindo a traição de Yurupary e vendo que ele só tentava atrapalhá-la em sua criação, afastou-se de sua companhia, separando a bondade da maldade, a alegria da tristeza, a amizade e a inimizade. Yurupary passou a ser o deus que se opunha em tudo a Tupana, com apoio e simpatia de vários Encantados descontentes com o deus do Bem, assim como seus sacerdotes Pajé-Poxy.

(Até então, das entidades poderosas que existem na natureza, só havia os dois seres - Yurupary e Tupana - seus sacerdotes - Piní-Pajé e Pajé-Poxy -, a Cobra-Grande e os seres encantados que habitavam o planeta Água. Nada mais.)

Assim sucedeu-se a primeira fase da criação.

Muito tempo se passou. A Cobra-Grande foi morar no planeta Água, que ela própria gerara, junto com outros seres mágicos, no lugar mais profundo criado por Yurupary, e lá que se quietou, esperando uma ordem do deus do Mal.

Um dia, Tupana resolveu unir os dois planetas.

O planeta Terra então começou a beber o planeta Água até vazar em fontes cristalinas, cachoeiras, igarapés, lagos e rios. As águas, unidas aos seres minerais, mudaram de cor, gerando os mares. A terra tornou-se macia e fértil, parindo florestas, campos e cerrados. Dessa união mágica surgiram novas seres com formas e vidas diferentes. Logo os deuses incumbiram o Sol e a Lua de iluminar o planeta nascido da união dos dois.

O tempo foi passando, com os dias colorindo a vida. Criou-se um verdadeiro paraíso, lindo e perfeito, como Tupana sempre sonhara. Então, para que sua bela obra não se tornasse feia, colocou seus PainíPajés para que dela cuidassem, além de fazer

com que todos os seres que ali habitassem não se tornassem imortais. Além disso, Tupana manteve os seres racionais longe desse lugar, pois preferia deixar o mundo perfeito, intacto, um verdadeiro paraíso.

Mas, com a união dos planetas, os seres imortais das águas, que observavam as transformações, ficaram com vontade de partilhar a vida na terra que, para eles, parecia repleta de felicidades. Eles então pediram aos Pajés que os transformassem em seres terrestres.

Prudentes, os Pajés disseram:

- Olhem aquelas palmeiras e aquelas árvores lindas! Olhem lá aquelas flores intocadas... todas perfeitas. A vida lá é linda, santa e sem pecado... Indo para lá, vocês, como todos os seres da superfície, deverão se comportar segundo as leis de Tupana.

Eles responderam:

Queremos ir assim mesmo, porque a vida lá tem leis. Deve ser emocionante banhar-se ao sol, andar nas praias e florestas, voar na imensidão do céu. Tudo parece ser alegre e maravilhoso!

Os Pajés advertiram:

- O portal dimensional está aberto para os que quiserem ir, mas lembrem-se: e um caminho sem volta!

Assim, ao saírem das águas, esses novas habitantes ganharam formas que nem se podia imaginar e viveram por muito tempo, até que de tanto evoluir, começaram a desagradar ao bom deus Tupana, pois já não lhe obedeciam. Queriam estar sempre ao lado de Yurupary, deus do Mal, que os influenciava, procurando ser como ele. Por isso, uniram-se à desobediente serpente Mói Wató Mağkarú Sése, que, vendo os habitantes se desenvolverem, tornando-se bonitos e perfeitos, pôs-se a copular e gerar muitos filhos maus como ela. E foi assim que o mundo perfeito, abençoado por Tupana, foi corrompido.

Tupana arrependeu-se de ter criado o paraíso, pois seus habitantes haviam se tornado maus, e resolveu tirar o planeta Terra de dentro do planeta Água, levando-o de volta para o céu.

Ao ser levado de volta para o cosmo, o planeta Terra começou a vazar, provocando chuvas, tempestades. Desse dilúvio, nunca visto antes, restou apenas o planeta Água, habitado pelas criaturas fantásticas e seus Painí-Pajes.

As criaturas do planeta Água que voltaram para o ventre materno. Não conseguiram esquecer o planeta Terra, levado por Tupana, e, com saudade, indagaram aos Pajés:

- Por que deus levou o planeta Terra de volta para o céu? Se ele o queria, por que o uniu à Água?

Os Pajés responderam:

- Vocês não souberam morar no paraíso. Comportaram-se mal diante de Tupana. Por isso, ele o tirou de nós.

- Foi culpa da Cobra-Grande – falaram os encantados. Agora que voltamos para a água, estamos arrependidos.

Foi então que o Pajé indagou:

- Será que nós, com os poderes mágicos que Deus nos deu, não poderíamos criar um planeta Terra e assim conceber O nosso próprio paraíso?

E o mais poderoso dos Painí respondeu:

- Não! Só os Monã têm poder de criar alguma coisa! Nos, os Pajés, só temos o poder de transformar e utilizar O que Deus criou. Nada mais!

Se fizermos uma grande pajelança, provavelmente transformaríamos uma das criaturas fantásticas num planeta. Será que alguém está interessado nisso?

Um dos Encantados respondeu:

Sou uma tartaruga grande e tranquila! Por uma boa causa, eu gostaria de fazer esse sacrifício!

Não! - respondeu o poderoso Pajé. - Bicho de casco duro não dá para esticar muito, vai arrebentar!

- Eu sou um peixe grande - disse outra criatura. - Quem sabe eu sirva?

Não! - respondeu de novo o poderoso Pajé. - Peixe de escamas dá para esticar, mas a terra ficaria pequena como uma ilha.

Bem, como vocês sabem, sou a irmã caçula das Unhamangará as Cobras-Grandes, e posso, junta com minhas irmãs e meus irmãos, os Encantados, forçar a nossa mãe Mói Wató Mağkarú Sése a ceder o seu corpo para transformá-lo em mundo. Afinal de contas, ela foi a maior culpada por Tupana ter-nos tirado o mundo perfeito. Merece ser castigada! Mağkarú Sese, como vocês sabem, e a maior criatura que existe e, por isso, pode crescer muito e engordar sem parar, e nós, Sukurijús, somos muito tranquilas. Com certeza, ela terá de aceitar ser um planeta tão bonito quanto o primeiro.

- Você está certa, irmã Unhamangará! - disseram os Pajés. - Mağkarú Sese terá de ser castigada por todas as coisas ruins que tem feito. Tragam-na para nós, e a transformaremos em Terra.

Então os Encantados buscaram Mağkarú Sese, sua própria mãe, para ser transformada em um novo mundo.

-Ah, agora podemos fazer a grande pajelança -disse o todo poderoso Paini-Pajé dos Encantados. -Temos as tintas: o jenipapo azul ajuda a captar as energias do céu; o urucum vermelho atrai as energias douradas do Sol; o carvão preto atrai as forças telúricas; o açafraão amarelo desperta-nos espiritualidade; a argila branca traz-nos paz e tranquilidade; as penas dão-nos a liberdade de voar; os marãgká e tambores serão o pulsar da Terra; e as flautas abrirão os portais transcendentais!

- Então, vamos começar a enfeitar a nossa irmã, mãe das Unhaman-garás, com tintas e penas -sugeriu outro Pajé.

E todos começaram a pajelança.

O grande Painí pronunciou a primeira profecia:

-Assim, todos saberão que a Mãe-Terra na realidade é a outrora todo-poderosa Mói Wató Mağkarú Sése, cujo nome significa “Sukurijú emplumada”, um ser vivo, pronto para continuar a ser a mãe de todos os seres que virão após seus filhos, os primeiros de uma geração que surgirá neste planeta!

-Eu faço a segunda profecia! - disse outro Pajé - Vou dar destinação ao futuro da irmã Mağkarú Sése, serpente culpada por Tupana ter-nos tirado o paraíso, e cuja transformação será sua prisão como forma de sentença eterna. Você, grande Serpente, será a Mãe-Terra! Como sempre desejou ser mãe de seres, agora terá sua oportunidade. Vai sentir as águas encharcarem seu corpo e vazar como fontes, cachoeiras, igarapés, lagos, rios e mares; vai sentir o milagre de novas vidas brotando de você! Será praia! Será rochedo! Será floresta! Você vai alimentar e agasalhar todos os filhos que virão! Será coberta pelo manto da noite pontilhada de estrelas, de luar prateado! Vai sentir os raios dourados do Sol amornar estufas, que irão gerar muitas vidas!

- Você vai se transformar em Mãe-Terra composta de seres minerais: ouro, prata, diamantes, esmeraldas, cristais, urânio, nióbio, petróleo, ferro e tantos outros, com os devidos guardiães, Pajés que irão garantir a sua

saúde, energia vital e eterna juventude! -vaticinou outro Painí. Nossos parentes, que serão transfigurados em seres terrestres, anfíbios e alados, irão preservar sua saúde, assim como todos aqueles que surgirão do seu ventre irão amá-la e preservá-la eternamente.

Enquanto faziam a pajelança, falavam e falavam das vantagens que todos teriam com a transformação da serpente em Mãe-Terra.

- Temos certeza de que seus habitantes serão amáveis e compreensíveis! Vamos enviar Pajés guardiães da natureza para manter o equilíbrio e punir aquele que ousar desobedecer às regras estabelecidas - confirmou outro Pajé.

- Irmãos Encantados - disse um Pajé - a pajelança está dando resultado. Mağkarú Sése está virando Terra!

Então, o Painí maior ordenou:

- Ó, grande Serpente, a sua transformação está se efetuando! Quando nós estivermos finalizando o ritual, você deve olhar para o Atapy e se virar para cima. Assim, seus filhos e todos os seus descendentes terão vida eterna. Caso contrário, se olhar para baixo, eles perderão a imortalidade. Serão mortais, e isso não pode acontecer. Se acontecer, voltarão para você, virando Terra.

- É verdade - disse a Cobra-Grande, cujo corpo começou a ficar imobilizado.

E, num gesto de tristeza, respondeu:

- Sinto que a pajelança está transformando minha carne em minerais, em terra firme. As águas correm em minhas veias como nascentes, formando lagos, rios e mares. Sinto a floresta brotando pelos meus poros. Vejo o Sol, o meu grande amante, colorindo a vida transformada em mim. Percebo a Lua, meu outro amante, rebocando a noite de estrelas. É tudo grandioso e divino! Sei que querem que eu fique igual ao meu primeiro filho, transformado em paraíso: lindo, cheio de belezas naturais, todo perfeito, sem espinhos, sem dor, sem maldade. Mas se enganaram! Não farei tudo o que querem, pois me forçaram a dar o meu corpo para ser Terra. Assim, num último suspiro, Mağkarú Sése virou-se de bruços, com a face voltada para baixo, desobedecendo à ordem do Painí.

Vocês me fizeram Terra, está bem, mas eu os chamarei sempre para mim. Esse será o preço que vocês pagarão por terem me transformado em um planeta.

Por essa razão, todos os seres morrem, até mesmo os seres humanos, pois a Mãe Cobra-Grande, transformada em Mãe-Terra, está sempre nos chamando e dela não podemos escapar.

O paraíso criado do corpo de Mağkarú Sése não foi perfeito como o primeiro, pois ela estava com raiva e contrariada por se tornar Terra. Por isso, no mundo atual crescem espinhos, tiriricas, urtigas e tudo o que há de ruim na natureza, além disso, era um mundo sem água - diferente do primeiro que Tupana criara, onde havia água e terra. Os Painí só conseguiram criar a Terra, pois não havia nada igual à água que pudesse ser transformado nela.

Quando a Cobra-Grande foi totalmente transformada, o maior dos Painí-Pajés avisou dos cuidados que os habitantes deveriam ter para com a Mãe-Terra:

- Finalmente, o segundo mundo foi criado! Apesar da nova condição de seus habitantes, como mortais, ele é lindo e precisa ser cuidado!

- Sim-responderam os outros Pajés. - Quem garante que esse novo mundo não será corrompido como o primeiro, que foi levado para o céu por Tupana por arrependimento? Quem garante que nós também não vamos nos arrepender de tê-lo criado?

Os Encantados e seres fantásticos que habitaram o primeiro mundo prometeram não corromper o segundo mundo, como fizeram com o paraíso de Tupana. Eles mesmos quiseram protegê-lo. Mas o que fazer com os novos seres que viriam?

- Se poluírem as suas águas? Se poluírem o seu ar? Se removerem os seus minérios?

- Os guardiães dos minerais irão lançar suas forças avassaladoras e acabar com o segundo mundo!

- Não! Não podemos confiar tanto assim nos novos filhos da Mãe-Terra que estão por vir e se chamarão humanos. Não podemos confiar tanto assim nesses habitantes que tentarão modificar tudo.

E, lembrando-se da predição da imortalidade, olharam para a Mãe-Terra. Então, falaram aos Encantados:

- Meus irmãos, sabemos que vocês não querem que aconteça o que aconteceu com o primeiro mundo, mas não se preocupem: enquanto esses novos habitantes, que dividirão com vocês o paraíso, o tratarem bem, ele continuará sendo a Mãe-Terra, que cuidará para que todos sejam felizes! Porém, se agirem mal, se meterem onde não devem, se destruírem a natureza, o paraíso voltará a ser Mói Wató Mağkarú Sése, a mãe de todas as cobras, e mergulhará levando todos para as profundezas; e não haverá um terceiro planeta para habitarem!

(Esse é um importante aviso dado pela sabedoria dos grandes Pajés, gravado no remo sagrado Puratig, há centenas de anos, e que não deve ser esquecido por nós, habitantes da Mãe-Terra.)

Enfim, os Encantados voltaram a viver do lado seco, como queriam, porém ainda não havia água no planeta nem nada que pudesse ser transformado nela.

Tupana, o Grande Pai, foi quem primeiro regeu daí em diante toda a vida na Terra, pois, depois de criado o novo mundo, os Encantados emprestaram seus poderes para Tupana e o convidaram a ser o legislador das leis da natureza.

Yurupary, procurando usurpar esse direito, criou as visagens, que se uniram aos demônios para se oporem ao trabalho dos espíritos bons e de Tupana, formando com isso uma grande ordem de fantasmas, seres, visagens e demônios para pelejar a favor do deus do Mal.

Assim foi o começo de tudo, o começo da vida e da existência. Tudo foi feito pelas mãos dos deuses Tupana e Yurupary e também dos sacerdotes Painí-Pajés e Pajé-Poxy.

Fonte: Yaguarê Yamã – Sehaypóri: o livro sagrado do povo Sateré-Maw.